

George Mueller

Heróis: Legados de Fé da Modernidade—Parte 11

Salmo 84.11–12

Introdução

Em seu livro *Mistério no Deserto*, Maria Reich descreveu uma série de morros e vales estranhos feitos por índios no Peru séculos atrás. Esses morros se estendiam por quatrocentos metros e, de repente, deixavam de existir ou viravam para a esquerda ou para a direita. Aparentemente, eles não seguiam nenhum padrão. Por vários séculos, pensou-se que esses morros eram remanescentes de algum sistema de irrigação, ou talvez demarcações antigas de alguma religião mística.

Contudo, em 1939, o mistério foi resolvido. O Dr. Paul Kosok da Universidade de Long Island, Estados Unidos, descobriu o verdadeiro significado desses morros ao simplesmente observá-los de cima, de um avião, ao sobrevoar o território. Os morros e vales aparentemente aleatórios que formavam linhas retas, depois curvas para um lado e para outro, eram, na verdade, linhas que formavam retratos enormes de pássaros e outros animais.¹ Uma vez que sobrevoou a área, ele adquiriu a perspectiva que precisava para ver o cenário com mais entendimento.

Imagine criar uma arte que não pode ser compreendida no planeta terra, formas de beleza artística que as pessoas só apreciarão e entenderão plenamente a partir de uma perspectiva mais

elevada.

Essa é uma excelente analogia da vida cristã. Em Romanos 8, Paulo escreve uma declaração poderosa; é tão poderosa e dramática que muitos crentes a têm memorizado no decorrer dos séculos. Trata-se de Romanos 8.28. Você provavelmente o sabe decorado:

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.

Paulo diz, com efeito, que todos aqueles desenhos aparentemente aleatórios em sua vida—coisas que parecem um tanto misteriosas e sem sentido—todos eles exigem uma perspectiva mais elevada, mais alta do que a terra para que sejam entendidos. Ou seja, “Vamos adquirir uma perspectiva mais elevada sobre a vida.”

E Paulo fala com confiança, não é? ***Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem.*** Paulo não está adivinhando; ele diz: ***Sabemos.*** A propósito, você precisa lembrar que Paulo não diz: “Sabemos que todas as coisas são boas,” porque nem todas são boas; alguns daqueles vales são profundos e alguns morros perigosos. Paulo escreveu: ***Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem.***

O verbo traduzido como *cooperam* é o grego *synergeo*, do qual derivamos o termo “sinergia.” “Sinergia” significa ação combinada de duas ou mais coisas, o que produz um resultado final superior ao resultado individual de uma ação.² Foi exatamente essa ideia que Paulo quis transmitir.

Um evento em sua vida pode parecer não cooperar, mas Paulo afirma que *cada* evento produz em sinergia um resultado muito melhor do que um evento *único*.

E ele nos diz que *todas as coisas cooperam para o bem*. “Então quer dizer que todo tipo de maldade e pecado—falsas acusações, injustiça, fracasso, relacionamentos terminados, crueldade, traição, dor, sofrimento, ódio, inveja, abandono, assassinato—cooperam para o meu bem?”

Sim, porque cada um desses acontecimentos que acabei de mencionar ocorreu nas últimas horas da vida de Jesus Cristo, e todos esses acontecimentos produziram algo bom.

Paulo conclui: *para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito*. Essas duas sentenças são duas descrições do crente: como redimido em Cristo, o crente ama a Deus e foi chamado por Deus para um propósito que ele cumprirá em sua vida, não somente no presente, mas também em sua glorificação e perfeição em Cristo Jesus. Cada morro aleatório, cada vale sinuoso, cada parada brusca, cada curva acentuada, cada subida e cada descida é uma produção de arte de Deus.

Agora, existe uma passagem do Antigo Testamento menos conhecida, mas que pode ser entendida como o verso gêmeo de Romanos 8.28. Acompanhe a leitura do Salmo 84.11–12:

Porque o SENHOR Deus é sol e escudo; o SENHOR dá graça e glória; nenhum bem

sonega aos que andam retamente. Ó SENHOR dos Exércitos, feliz o homem que em ti confia.

Mais uma vez, essa é uma referência a todo crente e, com muita confiança, os filhos de Corá compõem esse hino, que diz: *nenhum bem sonega aos que andam retamente*, isto é, aos seus filhos.

Então, se existe algo que você não tem, é porque Deus julgou que esse algo não seria bom para você. Se tem algo, é porque Deus o julgou como bom para você, a fim de cumprir seus propósitos em sua vida.

Esse princípio e essas passagens bíblicas se tornarão o alicerce para um dos testemunhos de fé mais poderosos na história do Cristianismo moderno. Na verdade, um homem em particular arriscará sua vida e ministério nessa confiança de que Deus jamais sonega o bem aos seus filhos e que todas as coisas cooperam juntas para o bem dos filhos de Deus.

Agora, antes de mergulharmos na vida e ministério desse homem, precisamos saber que ele era um candidato improvável para o serviço de Deus. Seu nome era George Mueller, nascido no reino da Prússia, atual Alemanha, no ano de 1805. Sua língua materna era o alemão.

Tudo indica que ambos os pais eram descrentes. Seu pai trabalhava como coletor de impostos do governo; ele ganhava bastante dinheiro e parecia viver para a sua profissão. George e seu irmão viviam roubando dinheiro do pai para financiar vidas devassas de jogos, bebedice e imoralidade.

O pai de George determinou que o filho se tornaria um ministro da igreja Luterana, não por causa de suas obrigações espirituais, mas porque ministros luteranos eram sustentados pelo governo

e viviam vidas confortáveis. O plano não deu muito certo, pois sua mãe morreu. George tinha 14 anos na época e nem soube que a mãe tinha morrido porque, conforme ele mesmo escreveu depois: “Eu fiquei jogando cartas até às 2 da manhã e, no dia seguinte, domingo, meus colegas e eu ficamos bêbados e saímos perambulando pelas ruas.”³

Aos 16 anos, George Mueller estava preso na cadeia, após ter sido acusado de roubo. Seu pai pagou a fiança, deu-lhe uma surra e em seguida o levou para morar e recomeçar a vida numa cidade vizinha. Ele até que melhorou um pouco, fez faculdade e alguns anos depois foi para o seminário. É, isso mesmo; seminário. “Mas ele nem era convertido.” Eu sei.

George escreveria depois que, dos 900 alunos nesse seminário, somente 9 eram convertidos. Todos os demais cursavam teologia no seminário para viver dos recursos do governo, ou alugando bancos nas igrejas e oficiando cerimônias de casamento e funerais.

Enquanto esteve no seminário, Mueller foi convidado para um culto de oração numa igreja evangélica onde havia um punhado de crentes humildes. Ele ficou admirado com os hinos simples que cantavam; o sermão era lido—e era lido porque era ilegal pregar ou expor as Escrituras se você não fosse um ministro ordenado pela Igreja estatal. E, é óbvio, como já destacamos, a maioria desses ministros não era convertida. O que mais chamou a atenção de Mueller foi a forma como o culto começou: todos os irmãos se ajoelharam e oraram. Ele escreveu: “Eu *nunca* tinha visto alguém de joelhos orando, nem eu havia orado de joelhos na minha vida.” Naquela mesma noite em sua cama, ele escreveu: “Deus iniciou uma obra em mim... aquela noite foi quando minha vida começou a mudar de rumo.”⁴ Mueller tinha 20 anos quando entregou sua vida a Jesus Cristo como seu Senhor e

Salvador.

Quatro anos após sua conversão, ele foi para a Inglaterra para trabalhar como missionário entre os judeus, um ministério limitado por sua falta de conhecimento de inglês, e um ministério que em breve deixaria por divergências doutrinárias.

Um ano depois, ele foi batizado por imersão, convencido de que as Escrituras ensinavam apenas esse método de batismo. Ele acabou se tornando o pastor de uma igreja, na qual também conheceu sua futura esposa, Mary Groves.

Logo após se casar, Mueller abriu mão do salário formal de pastor, determinado a receber somente o que os crentes dessem com alegria para sustenta-lo. Além disso, ele pôs fim à prática que a igreja tinha de alugar bancos. Ele afirmava que esses passos de fé eram necessários porque a igreja era culpada de cometer o mesmo pecado que o apóstolo Tiago advertiu os crentes a não cometerem em Tiago 2: o de dar lugar preferencial aos ricos e pedir aos pobres que ficassem de pé encostados contra a parede. Enquanto pastoreava ali, Mary deu à luz um filho, o qual, todavia, nasceu morto.

Um ano depois, em 1832, aos 27 anos, Mueller se mudou para pastorear uma igreja pequena na cidade de Briscol, Inglaterra, onde permaneceu como pastor por cerca de 50 anos. Enquanto a família esteve ali, nasceu-lhes uma menina, a quem deram o nome de Lydia. Ainda tiveram um menino que sobreviveu apenas 3 meses e outro que também nasceu morto.

Enquanto isso, Mueller e sua esposa haviam decidido que tirariam das ruas o maior número de órfãos que pudessem alimentar. Eles reformaram a casa para que conseguissem abrigar 30 meninas. Deve ter sido uma renovação e tanto!

Não demorou muito para os vizinhos

começarem a reclamar do barulho—fico apenas imaginando—e, veja bem, os vizinhos reclamavam da constante falta de água. Evidentemente, quando as meninas iam se arrumar, faltava água na vizinhança.

Esse foi o começo do ministério de Mueller e Mary que Deus usaria de forma tremendamente frutífera. Dentro de 10 anos e sem qualquer arrecadação de fundos, uma casa foi construída para acomodar até 300 crianças.

Durante meus estudos, deparei-me com duas coisas que você talvez não saiba também.

1. Primeiro: os orfanatos de Mueller, os quais passaram a incluir 5 prédios cuidando de 2050 órfãos ao mesmo tempo, eram apenas parte de sua visão.

Ele fundou uma organização chamada “Instituto para Conhecimento Bíblico,” o qual tinha 5 objetivos principais:

- Primeiro, ajudar na educação de crianças e adultos, fornecendo um currículo bíblico.
- Segundo, distribuir Bíblias.
- Terceiro, distribuir materiais bíblicos, folhetos e outras literaturas.
- Quarto, sustentar missionários.
- E quinto, dar casa, roupa e educação bíblica a crianças abandonadas que perderam ambos os pais.

Lembre-se da condição de desamparo de muitas crianças na Inglaterra do século 19, uma civilização supostamente desenvolvida. Quando George Mueller abriu seu orfanato em 1832, havia quase 10 mil crianças com idade abaixo dos 8 anos na

prisão.⁵

Portanto, o primeiro elemento surpreendente em seu ministério foi que ele não somente pastoreou uma igreja por mais de 50 anos, mas que o trabalho com orfanatos era apenas parte de sua visão.

2. O segundo elemento surpreendente em relação ao seu ministério com orfanatos era seu objetivo principal.

Mueller era firme em sua convicção de que Deus não lhe sonegaria bem nenhum. E ele queria encontrar uma maneira de encorajar outros crentes com a verdade de que Deus era digno de confiança e que não lhes sonegaria bem nenhum. E por acaso não seria um grande bem suprir as necessidades para alcançar esses 5 objetivos ministeriais?

Então, George Mueller escreveu: “O motivo principal em estabelecer a Casa de Órfãos é glorificar a Deus, caso ele se agrade em prover finanças, mostrando que confiar nele não é vão e, dessa forma, fortalecer a fé de seus filhos.”

Por causa dessa missão e perspectiva, George determinou que jamais pediria abertamente por dinheiro, mas que simplesmente relataria como Deus tinha suprido as necessidades. Ele chamava isso de seu “Relatório,” o qual era anualmente publicado. O Relatório incluía testemunhos pessoais e relatos da provisão maravilhosa de Deus através do apoio fiel de muitos amigos.

Quando já estava idoso, aos 70 anos, ele escreveu: “Não duvidamos que Deus usou esses relatórios vez após vez como instrumentos para estimular indivíduos a nos ajudar com seu dinheiro.” Em outras palavras, Mueller simplesmente contava histórias da fidelidade de Deus em sua vida e ministério e Deus reagiu de tal maneira que ele e sua família jamais precisaram receber um salário formal.

Mas houve vezes, especialmente no início do ministério, quando o suprimento chegou de última hora. Talvez você já tenha ouvido a história sobre a vez quando ele mandou os 300 órfãos sentar à mesa para tomar café, com pratos diante de cada um, mas nada sobre a mesa; os copos na frente dos pratos vazios também. Mesmo assim, Mueller orou, agradecendo a Deus pelo café da manhã. Quando se sentou, alguém bateu ao portão: um padeiro que não tinha conseguido dormir e tinha passado a noite inteira assando pão para muita gente. Logo em seguida, outra pessoa bateu ao portão: um leiteiro da região, cuja carroça tinha quebrado em frente ao orfanato. Ele disse que o leite todo estragaria se ele fosse consertar a carroça e perguntou: “Vocês estão precisando de leite no momento?” Foi o suficiente para alimentar as 300 crianças e ainda sobrou.

Também depois de idoso, Mueller escreveu: “Simplesmente, precisava ser visto. O fato de eu, um pobre homem, apenas por meio da oração e da fé, conseguir estabelecer e administrar um orfanato serviria para fortalecer a fé dos crentes e como testemunho aos incrédulos da realidade das coisas de Deus.”

Imagine só ter esta missão na vida: ter a oportunidade de se tornar um recurso visual para o mundo acerca da fidelidade de Deus. George Mueller só queria uma oportunidade para mostrar que Deus era real e fiel, que Deus, como ele escreveu citando um de seus versos prediletos, ***nenhum bem sonega aos que andam retamente.***

Após sua morte, seu genro deu continuidade ao seu ministério. Mas no final da vida de Mueller, o Instituto tinha:

- distribuído 244 mil materiais bíblicos, 285 mil Bíblias e 1,4 milhão de Novos Testamentos;

- sustentado inúmeros missionários, inclusive Hudson Taylor;
- e cuidado e educado pouco mais de 10 mil órfãos.

O que não pode ser calculado exatamente é o impacto de seu ministério sobre as vidas de outras pessoas. Um autor escreveu que seu ministério inspirou tantas pessoas que pelo menos 100 mil órfãos receberam cuidados, e isso somente na Inglaterra.

Estudar a vida de George Mueller é estudar a vida de um homem que simplesmente confiou na palavra que Deus disse. Sua leitura simples da Palavra—cerca de 200 vezes no decorrer do ministério—e sua vida de oração continuam sendo admiráveis.

Em meus estudos, descobri a seguinte tradição em seu ministério: quando cada criança tinha idade suficiente para morar sozinha, George Mueller orava pessoalmente com ela, colocava uma Bíblia em sua mão direita e uma moeda em sua mão esquerda. Ele explicava à criança (agora já jovem) que, se ela se agarrasse ao que estava em sua mão direita, Deus garantia que haveria o suficiente na mão esquerda também.

E foi assim que Mueller viveu. Quando entregou sua vida a Cristo, como você se lembra, ele ficou admirado com crentes se ajoelhando e orando. E essa se tornou sua prática.

Quando George Mueller estava com 92 anos, ele liderou um culto de oração em sua igreja numa noite de quarta-feira. Ele tinha pedido que os donos da casa onde morava lhe levassem um xícara de chá na manhã seguinte. Mas quando bateram à sua porta às 7 da manhã, não houve resposta. Eles entraram e o encontraram ao lado de sua cama: ele morreu enquanto orava de joelhos. Foi assim que ele viveu,

e foi assim que ele morreu.

E George Mueller continua sendo um testemunho vivo para todos nós de que Deus, de fato, não sonega bem nenhum, e que morros elevados, vales profundos e curvas sinuosas podem

ser coisas boas. Deus está criando uma arte divina. Com uma perspectiva mais elevada, tanto agora como depois, veremos que Deus estava providenciando, realmente, todas as coisas necessárias para aqueles que o conhecem e o seguem.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 08/12/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Timothy George, “Big Picture Faith,” *Christianity Today* (23 de setembro de 2000); www.wikipedia.org/wiki/Paul_Kosok.

² *New Webster's Dictionary and Thesaurus* (Lexicon Publications, Danbury: 1995), p. 1003.

³ Christian Biography Resources (www.wholesomewords.com).

⁴ John Piper, “George Mueller’s Strategy for Showing God” (2004 Bethlehem Conference for Pastors, 3 de fevereiro de 2004).

⁵ *Ibid.*